

## Questão 31

## QUESTÃO 31

Em 2004, Néstor Kirchner – presidente argentino à época – cedeu à sociedade civil a Escola de Mecânica da Marinha (ESMA), um antigo centro clandestino de detenção e tortura durante a ditadura (1976 e 1983). O motivo era a construção de uma espécie de museu nacional da memória das atrocidades cometidas pelo regime. Entre as imagens das mães e avós da Plaza de Mayo, entre organizações de luta que celebravam o reconhecimento de um trabalho sustentado por décadas, emergia ao lado do palco uma imagem disruptiva: um poncho vermelho. Destacava-se um rosto indígena. Era um dos líderes do Movimento Indígena Argentino; o líder pedia a inclusão dos povos originários no futuro museu: “A questão não é – como os antropólogos fazem – simplesmente sermos incluídos em um museu, como se estivéssemos apenas sendo adicionados. Queremos fazer parte da história nacional.”

(Adaptado de RUFER, M. Nación y condición pos-colonial. In: BIDASECA, K. (Org.) *Genealogias críticas de la colonialidad en América Latina, África, Oriente*. Buenos Aires: CLACSO, 2016.)

Tendo em vista seus conhecimentos sobre memória política na Argentina e considerando as informações do texto, é correto afirmar que

- a) os indígenas se posicionam – nas disputas pela memória nacional da Ditadura – abertamente contra o movimento das Mães e Avós da Plaza de Mayo.
- b) os indígenas – ao incorporarem perspectivas marginalizadas, como as dos povos originários – querem fazer parte da construção do museu para a expansão da história nacional.
- c) as lideranças indígenas – para dar visibilidade às suas identidades étnicas – propõem que a memória da nação seja apagada no antigo edifício da ESMA.
- d) nos protestos contrários à ocupação – para transformação em espaço de memória – do antigo edifício da ESMA, os ativistas indígenas defendem a redução temática do museu.

## RESOLUÇÃO

## ALTERNATIVA B

A memória a respeito da ditadura na Argentina foi o tema dessa questão. A sociedade contemporânea, após as ditaduras, elaborou diversas memórias sobre os períodos ditatoriais. No texto, os povos originários reivindicam um papel na elaboração “daquilo que deveria ser lembrado”. Esse item aproximou, de certa forma, a memória das mães e avós da Praça de Maio a dos povos indígenas, igualmente perseguidos e vítimas da ditadura na região do Prata.